



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

MARIA TÁBATA LARISSA ALEXANDRE DE BRITO

INDISCIPLINA NO AMBIENTE ESCOLAR:
UMA QUESTÃO SOCIAL

PATOS – PB

2014

MARIA TÁBATA LARISSA ALEXANDRE DE BRITO

INDISCIPLINA NO AMBIENTE ESCOLAR: UMA QUESTÃO SOCIAL

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientador: Prof^ª. Dr. Tatiana Cristina Vasconcelos

PATOS – PB

2014

B862i Brito, Maria Tábata Larissa Alexandre de
Indisciplina no Ambiente Escolar [manuscrito] : uma questão
social / Maria Tábata Larissa Alexandre de Brito. - 2014.
28 p.

Digitado.

Monografia (Fundamentos da Educação: Prát. Pedag.
Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-
Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2014.

"Orientação: Profa. Dra. Tatiana Cristina Vasconcelos,
CCEA".

1. Violência na escola. 2. Indisciplina escolar. 3.
Problemática social na escola. I. Título.

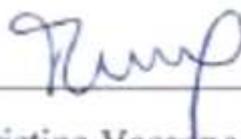
21. ed. CDD 371.782

MARIA TÁBATA LARISSA ALEXANDRE DE BRITO

INDISCIPLINA NO AMBIENTE ESCOLAR: UMA QUESTÃO SOCIAL

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

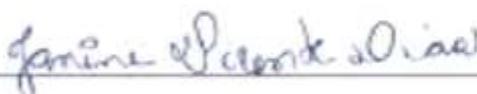
Aprovada em **06/12/2014**



Prof.^a Dr.^a Tatiana Cristina Vasconcelos (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Odilon Avelino da Cunha (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a Janine Vicente Dias (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

DEDICATÓRIA

Ao meu marido,

Valdivan Soares Alves Filho,

Ao meu filho,

Otávio de Brito Alves,

Por estarem sempre presentes.

Á minha Mãe,

Jacione da Silva Brito

Por ter me encorajado e ensinado a continuar sempre.

*Se eu pudesse eu dava um toque em meu destino
Não seria um peregrino nesse imenso mundo cão
Nem o bom menino que vendeu limão
Trabalhou na feira pra comprar seu pão*

*Não aprendia as maldades que essa vida tem
Mataria a minha fome sem ter que roubar ninguém
Juro que nem conhecia a famosa Funabem
Onde foi a minha morada desde os tempos de neném
É ruim acordar de madrugada pra vender bala no trem
Se eu pudesse eu tocava em meu destino
Hoje eu seria alguém*

*Seria eu um intelectual
Mas como não tive chance de ter estudado em colégio legal
Muitos me chamam pivete
Mas poucos me deram um apoio moral
Se eu pudesse eu não seria um problema social
Se eu pudesse eu não seria um problema social*

*Problema Social
Seu Jorge*

AGRADECIMENTOS

A Deus por sempre me dar uma nova chance.

Ao meu filho, por ser a luz da minha casa e trazer paz ao meu coração, pois Deus mostrou por ele que milagres acontecem.

Ao meu marido, pela paciência e companheirismo, me incentivando a superar todos os inúmeros obstáculos.

À minha mãe, que sozinha, dedicou a mim e meu irmão a melhor educação, nos preparando para as adversidades da vida e a buscarmos o nosso melhor.

À minha orientadora neste trabalho, Tatiana Vasconcelos, pela atenção a mim dedicada. Aos meus amigos de curso, por sempre me ajudarem quando precisava e pela amizade que construímos: Maria José Araújo, Maria José Freitas, Lindemberg Bezerra, Asenate, Kayo César, Arliene Alves, Deassis Petrônio e Gilka de Cássia. Meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

A sociedade no geral tem o conceito funcional do ambiente bibliotecário como sendo unidades fundamentais na construção do conhecimento, responsáveis por resguardar a produção intelectual ao longo de muitas gerações. Em uma configuração contrária a essa concepção, esse estudo buscou rever as práticas educativas tradicionais direcionadas a mecanicidade e sistematização do ensino, objetivando avaliar a contribuição do espaço bibliotecário no processo ensino-aprendizagem, uma vez que as bibliotecas escolares podem ser também um ambiente promotor de atividades culturais, que possibilitem a interação da escola, dos professores e dos alunos, bem como da participação da comunidade em geral. O presente trabalho foi realizado na E.E.E.F. CAIC Dr. Romero Abdon Queiroz da Nóbrega, localizada no Parque Residencial São Sebastião S/N, Bairro Frei Damião, no município de Patos-PB. O público abordado consistira nos alunos matriculados na referida Escola no Ensino Fundamental II. Ficando o projeto dividido em três momentos, primeiramente com levantamento bibliográfico e reunião para estabelecer diretrizes; em seguida realização de Rodas de Leitura e Oficinas de Produção Literária e por fim, avaliação conjunta dos objetivos alcançados e funcionalidade do projeto. Ao ter o primeiro contato direcionado com a biblioteca e com os livros o resultado foi bem significativo uma vez que após serem instigados nas Rodas de Leitura e desafiados nas Oficinas de Produção Literária a expressarem sua própria concepção das obras, os alunos apresentaram bastante interesse pelo universo da biblioteca e atividades construtivas.

Palavras-chave: Biblioteca escolar. Ensino-aprendizagem. Escola. Leitura.

ABSTRACT

The society in general has the functional concept of the librarian environment as fundamental units in the construction of knowledge, responsible for safeguarding the intellectual production over many generations. In the opposite configuration to that design, this study review the traditional educational practices aimed at mechanicity and systematization of teaching, to evaluate the contribution of the librarian space in the teaching-learning process, since school libraries can also be a promoter environment cultural activities, enabling the school interaction, teachers and students, and the general community participation. This study was conducted at E.E.E.F. CAIC Dr. Romero Abdon Queiroz da Nobrega, located in the Parque Residencial São Sebastião S/N, Neighborhood Frei Damião, in the city of Patos-PB. The audience consisted addressed the students enrolled in the School in the Secondary School. Getting the project divided in three stages, first with literature and meeting to establish guidelines; then performing Reading Wheels and Literary Production Workshops and finally, joint evaluation of achieved goals and design functionality. By having the first contact directed with the library and the books the result was quite significant since after being instigated in the Reading Wheels and challenged in the Writing Workshops to express his own conception of the works, students showed great interest in the universe Library and constructive activities.

Keywords: School library. Teaching and learning. School. Reading.

LISTA DE SIGLAS

PB	Paraíba
PISA	Program for International Student Assessment Programa Internacional de Avaliação dos Estudantes
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
UNESCO	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNICEF	United Nations Children's Fund – UNICEF Fundo das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	14
2.1 VIOLÊNCIA E INDISCIPLINA	14
2.2 FORMAS OCASIONAIS	16
3 DESENVOLVIMENTO.....	19
3.1 DIAGNÓSTICO.....	20
3.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA COMUNIDADE.....	22
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	23
5 CONCLUSÃO.....	27
REFERÊNCIAS	28

1 INTRODUÇÃO

A intensificação de comportamentos de indisciplina na escola tem sido fonte de crescente preocupação e investimentos na área educativa. Estudos realizados em torno das estratégias de proteção e conscientização, perante a ameaça em potencial, têm vindo a sugerir que a indisciplina poderá constituir um recurso para os docentes devido ao seu insucesso acadêmico.

A família sofreu profunda mudança nos últimos trinta anos. Diminuiu o número de filhos por casal, o casamento tornou-se mais instável com um crescente número de divórcios, aumentaram as famílias agregadas reconstruídas, mas a importância emocional da família não parece em declínio. Observando uma unidade familiar, percebemos que as gerações se aproximaram.

Estas situações se dão porque os espaços influenciadores são agora fluidos (os diversos partidos, as várias igrejas, as diferentes morais), a cultura tem significados plurais e as diferenças caracterizam o cotidiano dos mais novos.

Embora a Escola procure atuar como civilizatória e disciplinadora esta vem sofrendo com o aumento progressivo dos índices de indisciplina, violência e incivilidade. Com tantos fatores de instabilidade, os gestores escolares encontram dificuldades para tornar eficaz seu projeto normativo e pedagógico. Neste ambiente de incertezas, estão professores e alunos que se veem obrigados a driblarem as dificuldades.

O presente trabalho tem o objetivo amplo de avaliar a indisciplina escolar e sua possível relação com fatores sociais agravantes e seus termos, ocupando-se da busca de como se podem ajudar as instituições na problemática da atribuição de limites da escola. Esta é uma questão que provoca a indisciplina, desfavorecendo o ambiente escolar, provocando desordem e ocasionando a falta de concentração, dificultando o ato de aprender, sendo prejudicial ao corpo docente e discente.

Objetivando também estimular o reconhecimento da complexidade do tema da violência escolar e discutir a urgência de se refletir sobre o mesmo; Evidenciar os diferentes fatores relacionados à violência e identificar as suas influências no clima escolar, nas relações interpessoais estabelecidas e na percepção que se tem sobre a escola; Identificar de que forma

os membros da comunidade podem, por um lado, ser agentes de manifestações violentas na escola e, por outro, contribuir para que estas não ocorram; Verificar como a ocorrência de diversos tipos de violências traz, para dentro da escola, questões macrossociais como a exclusão e as desigualdades econômicas e sociais; Desestimular a perpetuação de uma visão naturalizada e banalizada da violência nas escolas, identificando os prejuízos que esta produz no cotidiano escolar e na vida daqueles que dele fazem parte; Proporcionar a reflexão sobre as ações necessárias na prevenção e no combate à violência nas escolas e sobre os elementos necessários para tal.

A violência não pode ser vista como uma característica do sistema escolar. Isso remete à necessidade de se atentar para algumas mudanças que têm apresentado resultados significativos no que se referem a aspectos tais como: as novas formas de administração, a democratização do ambiente escolar e a melhoria e conservação da estrutura física.

Além disto, verifica-se que escolas caracterizadas por um grau considerável de organização, existência de regras claras de comportamento, segurança no seu interior e nas suas imediações, prevalência de um clima de entendimento, política de valorização dos alunos e dos professores, estabelecimento de diálogo, sentimento de pertencimento, poder de negociação entre os diferentes atores e cultivo de vínculos com a comunidade constituem-se em estabelecimentos escolares que debate: violência, mediação e convivência na escola.

O que se torna imperativo é fazer com que a escola volte a ser um espaço protegido, onde se possa acionar o comprometimento social e incentivar formas de sociabilidade pautadas pelo respeito e pela solidariedade, tornando-a ambiente privilegiado para o desenvolvimento de programas preventivos, em função do seu potencial estratégico para tecer relações com a comunidade e, especialmente, com a família, e também para concretizar ações que se pautem pela prevenção e pela solução não-violenta dos conflitos, defendendo, como valores necessários, a tolerância e a solidariedade, por meio de um instrumento extremamente poderoso: o diálogo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 VIOLÊNCIA E INDISCIPLINA

Embora seja indiscutível que hoje mais crianças e jovens frequentam a escola que no passado, há a chamada massificação do acesso à educação não popular. Esses bloqueios operados pela escola se traduzem em taxas elevadas de repetência e abandono, bem como na distorção idade-série, consolidando uma situação de fracasso escolar. Estas questões, agregadas às dificuldades de acesso ao mercado de trabalho e às escassas oportunidades de cultura, lazer e esporte, fazem com que os jovens sejam alvos possíveis da violência que ocorre dentro e nas imediações da escola, o que contribui para que se reforce na escola sentimentos de insegurança, medo e vulnerabilidade e se crie um abismo intransponível entre a cultura juvenil e a cultura escolar.

Guimarães (1996b, pp. 78-79) oferece-nos conceitos a respeito da violência escolar e a tentativa de estabelecer a autoridade na prática, pelas instituições:

A escola, como qualquer outra instituição, está planejada para que as pessoas sejam todas iguais. Há quem afirme: quanto mais igual, mais fácil de dirigir. A homogeneização é exercida através de mecanismos disciplinares, ou seja, de atividades que esquadriham o tempo, o espaço, o movimento, gestos e atitudes dos alunos, dos professores, dos diretores, impondo aos seus corpos uma atitude de submissão e docilidade. Assim como a escola tem esse poder de dominação que não tolera as diferenças, ela também é recortada por formas de resistência que não se submetem às imposições das normas do dever-se. Compreender essa situação implica aceitar a escola como um lugar que se expressa numa extrema tensão entre forças antagônicas. (...) O professor imagina que a garantia do seu lugar se dá pela manutenção da ordem, mas a diversidade dos elementos que compõem a sala de aula impede a tranquilidade da permanência nesse lugar. Ao mesmo tempo que a ordem é necessária, o professor desempenha um papel violento e ambíguo, pois se, de um lado, ele tem a função de estabelecer os limites da realidade, das obrigações e das normas, de outro, ele desencadeia novos dispositivos para que o aluno, ao se diferenciar dele, tenha autonomia sobre o seu próprio aprendizado e sobre sua própria vida.

Neste sentido, falar sobre a indisciplina significa referir-se a situações de maior ou menor desigualdade social, ao clima escolar e à relação com as possibilidades de aprender, procedendo tanto das relações entre os atores escolares como do entorno mais amplo. Nesse último caso, a expectativa é de que a escola funcione como um espaço livre da violência social, protegendo os alunos, encaminhando-os para uma vida afastada da criminalidade e promovendo, na medida do possível, uma cultura de paz na sociedade.

No entanto, essas metas podem ser excessivamente ambiciosas e, de fato, não chegam a ser atingidas em muitos casos. A violência deteriora a vida econômica das comunidades e prejudica o aprendizado dos alunos, o que reforça a exclusão social que, por sua vez, resulta em ausência total de disciplina. A violência pode ser considerada tanto efeito quanto causa da exclusão social e constitui, hoje em dia, uma das dimensões centrais da estigmatização sofrida pelos moradores de comunidades no Brasil.

O ambiente escolar é um espaço de significados, com diversos sentidos, que evidencia as desigualdades e oportunidades limitadas, que marcam intimamente os grupos de jovens brasileiros e, ao mesmo tempo, constitui ambiente de reflexão e lutas por direitos. A família ocupa significativo papel na vida do jovem e na maneira como ele passa a ver a escola e seu processo de formação.

Segundo Leão (2006), nas famílias pobres os pais almejam que seus filhos cumpram todas as etapas da escolarização oficial, pois querem para eles um futuro melhor, diferente do que tiveram, embora esse desejo concorra com condições concretas e imediatas que exigem a entrada de crianças e adolescentes na economia doméstica.

2.2 FORMAS OCASIONAIS

A falta de disciplina manifesta-se de múltiplas formas, e acaba por comprometer a todos. Em algumas ocasiões, ela parece decorrer das relações típicas entre os atores escolares, como, por exemplo, a violência cometida por professores contra os alunos ou vice-versa ou, mais comumente, a intimidação que os alunos mais fortes exercem sobre os mais fracos, conhecida no mundo com o nome, em inglês, de “bullying”.

Em outras ocasiões, a indisciplina parece originar-se em dinâmicas e problemas externos à escola, que acabam entrando nela de alguma forma. Assim, escolas situadas em locais que sofrem confrontos armados constantes, por exemplo, entre policiais e vendedores de drogas, não conseguem evitar que o medo, as ameaças ou as agressões que acontecem no dia-a-dia na comunidade fiquem sempre do lado de fora dos muros da instituição. Na verdade, os dois tipos de violência estão inter-relacionados. Um contexto de violência extrema no dia-a-dia da comunidade onde moram os alunos exercerá uma pedagogia da violência sobre eles e tornará mais difícil que eles renunciem à violência nas suas interações cotidianas dentro da escola.

No Brasil, o elevado consumo de drogas já é considerado como um dos mais graves problemas sociais existente, sendo uma questão de saúde pública. Seu uso indiscriminado causa danos irreparáveis ao usuário, desestrutura famílias e destrói vidas, numa perspectiva psíquica, física e social. Em nossa comunidade este é de fato o grande problema enfrentado pela sociedade e por esta escola; Uma vez que estando inseridos em região carente, nossos alunos estão sujeitos a vários tipos de violência doméstica e urbana e ao consumo rotineiro de entorpecentes.

Mesmo sem chegar nesses casos extremos, os efeitos da violência na escola são numerosos e intensos. Um deles é o comprometimento da capacidade de ensinar e aprender. Numerosas pesquisas mostram que o clima de tranquilidade e disciplina na sala de aula favorece o aprendizado. Uma pesquisa internacional, denominada PISA, que contempla mais de 40 países incluindo o Brasil, mostra que o barulho ou a desordem na sala, as interrupções, durante a aula, pela indisciplina dos alunos, ou a intimidação entre as crianças são elementos que contribuem para piorar o desempenho acadêmico. Se uma simples deterioração do clima

disciplinar na aula prejudica o aprendizado, imaginemos o efeito devastador de episódios concretos de violência.

Outra forma ocasional de violência escolar são ações coativas, representadas pelo poder e autoritarismo dos educadores, coordenação e direção, numa escala hierárquica, estando os alunos no meio de disputas profissionais que acabam por refletir dentro da classe. Além disso, a violência estampada nas ruas, a violência familiar, os roubos, os contrabandos, os crimes de colarinho branco têm levado adolescentes a perder a confiabilidade quanto a uma sociedade justa e igualitária, capaz de promover o desenvolvimento social em iguais condições para todos, tornando-os agressivos, conforme esses padrões sociais.

É importante pensarmos a alteração entre agressividade, delito e violência. A agressividade é o desempenho adaptativo intenso, ou seja, o sujeito que é vítima de violência constante têm problemas para se relacionar com o próximo e estabelecer limites porque estes às vezes não foram construídos no meio familiar. A pessoa agressiva tem maneiras agressivas para se proteger e não é tido como violento. Ele possui "os padrões de educação contrários às normas de convivência e respeito para com o outro" Abramovay, Rua 2002).

O delito é uma tipificação social e portanto acentuado socialmente é uma rotulagem atribuída a alguém que fez o que condenamos. "Não reprovamos o ato porque é criminoso. É criminoso porque o reprovamos" (Émile Durkheim).

Violência pode ser também "uma reação consequente a um sentimento de ameaça ou de falência da capacidade psíquica em suportar o conjunto de pressões internas e externas a que está submetida" Levisky (1995) apud Dias, Zenaide(2003). A violência que as crianças e os adolescentes exercem , é antes de tudo, a que seu meio exerce sobre eles Colombier et al.(1989). A criança reflete na escola as frustrações do seu dia-a-dia.

Podemos destacar os vários tipos de violência praticados dentro da escola, dentre eles destacamos:

- Violência contra o patrimônio - é a violência praticada contra a parte física da escola. "É contra a própria construção que se voltam os pré-adolescentes e os adolescentes, obrigados que são a passar neste local oito ou nove horas por dia." Colombier et al.(1989);

- Violência doméstica - é a agressão cometida por familiares ou pessoas ligadas diretamente a convivência diária do jovem.
- Violência simbólica - É a violência que a escola exerce sobre o estudante quando o subestima a capacidade de pensar e o torna um ser capaz apenas de repetir. Sendo esta violência difícil de ser percebida, uma vez que é praticada internamente e de meio dissimulado quando esta não é capaz de encaminhar seus jovens ao mercado de trabalho, quando não lhes oferece chances para o desenvolvimento da criatividade e de atividades de lazer. A violência simbólica também pode ser contra o professor quando este é agredido em seu trabalho pela indiferença e desinteresse do aluno. Abramovay; Rua (2002)
- Violência física - "Brigar , bater, matar, suicidar, estuprar, roubar, assaltar, tiroteio, espancar, pancadaria, neguinho sangrando, Ter guerra com alguém, andar armado e, também participar das atividades das guangues " Abramovay et al. (1999).
- Violência psicológica- ação ou omissão destinada a degradar ou controlar as ações, comportamentos, crenças e decisões de outra pessoa por meio de intimidação, manipulação, ameaça direta ou indireta, humilhação, isolamento ou qualquer outra conduta que implique prejuízo à saúde psicológica, à autodeterminação ou ao desenvolvimento pessoal.

Hoje em dia, não há como negar que o acultramento e as drogas foram fatores decisivos para contribuir com o fato da violência escolar, formando grupos sociais afastados ou marginalizados ligados ao tráfico, com facilidade de aquisição de armas brancas, inclusive armas de fogo, como demonstra a pesquisa realizada pela Unesco e Unicef (Pesquisa UNESCO e UNICEF,2004, p.29).

Inicialmente, esse tipo de violência era tratado como simples questão de disciplina. Com o tempo, veio a ser vista como delinquência do jovem até ser tratada, atualmente, sob o foco da globalização e da exclusão social. Muitas são as diferentes formas de conflito que surgem de maneira violenta que trazem grandes transtornos para toda a sociedade. O aparecimento de violência dentro das escolas gera grande incerteza para pais, educadores e gestores.

3 DESENVOLVIMENTO

O presente trabalho foi realizado na E.E.E.F. CAIC Dr. Romero Abdon Queiroz da Nóbrega, localizada no Parque Residencial São Sebastião S/N, Bairro Frei Damião, no município de Patos-PB. A solução do problema exige ampla participação e envolvimento de todos os segmentos na criação e implementação de novas metas educativas para melhorar a atuação pedagógica.

O presente trabalho busca a identificação de elementos que permitam a compreensão das implicações institucionais, com o objetivo de perceber o aparelho escolar enquanto um organismo social.

A partir de sessões de reuniões com gestores, conversas com alunos, professores, funcionários e coordenadores escolares, podemos constatar as concepções predominantes no interior das escolas, acerca dos fatores que podem estar relacionadas à violência e à indisciplina escolar, e sua implicação social; Uma vez que a violência e indisciplina escolar estão sendo consideradas como os grandes empecilhos para o processo de ensino-aprendizagem dos nossos alunos.

Assim sendo, os pressupostos e princípios desse projeto devem ser construídos com base nas experiências vividas, com os olhos atentos aos sinais dos tempos atuais e dirigidos a um futuro próximo ou remoto. Pretende ser criterioso onde o dizer e o fazer busquem os ecos da adequação e da coerência, num paradigma que acompanhe a ação de ser um educador da EEEF. CAIC Dr. Romero Abdon Queiroz da Nóbrega.

Desse modo, é indispensável que a Unidade Educacional, compreenda os diversos contextos e os diversos saberes, instruindo os educandos numa perspectiva participativa; contribuindo para formação de indivíduos atuantes e conscientes da realidade. O objetivo primordial fora dar espaço para que o aluno possa exercer sua consciência crítica ao aprender fazendo e expor verdadeiramente suas inquietações perante os problemas pessoais que o afligem. Buscando assim diagnosticar o mais precisamente possível as causas de comportamentos violentos e agressivos.

3.1 DIAGNÓSTICO

Considerando a história da educação, quando do aparecimento da sociedade moderna, constatamos que as funções relacionadas à Educação, até então de responsabilidade das famílias, da igreja e da comunidade, foram sendo repassadas para uma instituição criada pela sociedade, a escola. Assim, foi o desenvolvimento histórico da humanidade que fez surgir a precisão de se criar e de se manter essa instituição especializada em fornecer os conhecimentos mínimos e a preparação adequada à vida social.

Percebemos, que ao longo da evolução, a escola vem adotando cada vez mais características próprias, abrangendo desde aspectos relacionados com o grupo onde está inserida, com os valores morais e éticos preservados por ela, configurando-se um estabelecimento onde as condições histórico-sociais são determinantes.

De acordo com a UNESCO: “De sua parte, os estudantes apontam como os maiores problemas da escola os “alunos desinteressados e indisciplinados”, as “carências materiais e humanas” e os professores incompetentes e faltosos”. Já a equipe técnico-pedagógica da escola cita como os três principais problemas as carências materiais e humanas, a existência de estudantes desinteressados e indisciplinados e o desinteresse dos pais.

Compreendemos que a responsabilidade do desempenho escolar do aluno tem relação com o contexto social e com a dinâmica da escola. O contexto social da nossa clientela em sua maioria é composto por filhos de funcionários públicos, trabalhadores autônomos e serviços avulsos, caracterizando na sua maioria uma baixa renda. A escola como parte integrante do sucesso do aluno reconhece em sua filosofia a capacidade que o sujeito tem em mudar e melhorar o meio em que vive, se constituindo, como tal, através das suas relações, aprendendo e transformando as formas culturais do seu grupo.

Vasconcelos (p. 190, 2000) também esclarece que o diagnóstico não é um simples retrato da realidade ou um mero levantamento de dificuldades. Para ele o diagnóstico é, “antes de tudo, um olhar atento à realidade para identificar as necessidades radicais, e/ou o confronto entre a situação que desejamos viver para chegar a essas realidades.”

Depois da análise da realidade foram levantadas as necessidades da instituição e julgada, a partir dos referenciais assumidos coletivamente. O diagnóstico que será apresentado é o confronto entre aquilo que a equipe da escola deseja e, o que de fato, está sendo constatado. Foi gratificante perceber que não houve insegurança do grupo em dizer a verdade. O grupo deseja, de fato, que as dificuldades sejam pontuadas e sanadas.

Partindo de um princípio diagnóstico, o presente trabalho busca adotar medidas que fidelizem o resultado dos alunos frente a seus níveis de aprendizagem e conhecimento social. Apresentando uma reflexão sobre a indisciplina escolar na perspectiva de alunos, professores e funcionários, para então fazer considerações conceituais, bem como destacando os motivos e sentidos da indisciplina. Ao final, apresentamos algumas considerações e possibilidades de pesquisas que viriam a contribuir com os estudos do tema em questão.

Vivência escolar e familiar, foram os pontos básicos avaliados. Os alunos, no aspecto social constituem dois grupos bem definidos; um primeiro grupo com sinais de cidadania, comportamento, cumpridores de seus deveres, não envolvidos com drogas, não simpatizantes com “bullying”; por outro lado, existe um outro grupo que se encontra nesta zona de risco, em alguns caos até com envolvimento com tóxicos. De todos os pontos levantados, os mais marcantes e que o grupo acredita ser o referencial da escola são os que convergem para o segundo grupo, uma vez que a droga vem a ser caso de evasão e violência no convívio escolar, assim sendo trata-se de um grupo volúvel a atitudes condenadas ao convívio social.

O foco, então, é preparar, capacitar e possibilitar a esses agentes, um futuro digno de prosperidade material, espiritual e ético-cultural. Por isso, o levantamento do diagnóstico de nossa clientela nos possibilitou a construir parâmetros ao encontro da perspectiva de futuro deles, levando-os a se tornarem cidadãos aptos a escolher um futuro melhor, sem uso de qualquer substância maléfica.

3.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA COMUNIDADE

A E.E.E.F. CAIC Dr. Romero Abdon Queiroz da Nóbrega, localiza-se na região leste de Patos, que por sua vez recebe alunos das comunidades, Morro, José Mariz, Santa Clara e Liberdade. O bairro pioneiro na região foi o Morro ou Frei Damião, na década de 1972, com uma infraestrutura bastante precária. O mesmo é cortado por um canal de água e esgoto que porventura no período chuvoso, os moradores vêm a sofrer com enchentes e alagamentos, devido a falta de manutenção do canal; Com isso grande parcela de moradores sofrem ao se encontrarem desabrigados e susceptíveis a problemas de ordem financeira.

Logo em seguida outros bairros surgiram como o Conjunto José Mariz por volta de 1981, tendo sua economia baseada na venda de redes e calçados, o que fazia com que os pais de família se deslocassem à região sul para adquirir mercadorias, deixando assim suas famílias a mercê de más influências com a chegada de traficantes e usuários. Outro fator preponderante era a situação das mulheres que se viam obrigadas a se ausentarem de seu lar, para complementar a renda de casa atuando como lavadeiras e empregadas domésticas, deixando assim filhos e netos sem a presença do responsável. Associando todos estas questões á presença de traficantes oportunistas, nossos jovens adentraram no uso de drogas e entorpecentes.

Nestas comunidades tão carentes de infraestrutura e cultura, percebemos também a ausência de fábricas e/ou outros meios de renda, encontrando-se atualmente as famílias com a renda mínima oriunda do programa Bolsa Família. Aliados a fatores externos a baixa renda doméstica acaba por propiciar ao jovem o caminho do dinheiro fácil e da venda de entorpecentes; estando a escola CAIC como único centro formador de cultura nesta região, abrigando assim número considerável de estudantes nesta situação. Temos a missão de evitar e resgatar estes estudantes desta marginalidade e ensiná-los valores e disciplina, muitas vezes não conhecidos em casa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os muros pichados e os vidros quebrados são apenas o reflexo de um drama atual em muitas escolas públicas. Enquanto do lado de fora o tráfico de drogas e as gangues pressionam para entrar, do lado de dentro alunos e professores são agentes e vítimas de agressão física e verbal e de uma lista enorme de atos violentos.

Muitos creem que a solução seja o afastamento do mundo exterior com grades reforçadas e portões cada vez mais altos, câmeras de vídeo e cadeados. Porém, estas barreiras ao contrário de expressarem segurança, deixam professores e gestores cada vez mais acuados. A população, preocupada com os frequentes casos divulgados pelos meios de comunicação social, coloca o medo com a integridade dos filhos acima das questões de aprendizagem.

A Escola não deve se isolar e culpar o entorno pelo baixo desenvolvimento de seus estudantes, deve investir na consolidação de uma equipe unida e determinada, na formação de professores, na aproximação com a comunidade e no acompanhamento dos jovens usuários de drogas ou com dificuldades de aprendizagem. Estabelecendo assim, barreira muito mais duradoura e eficiente do que a formada por grades e cadeados.

As medidas contra as violências nas escolas partem de três premissas gerais: realizar diagnósticos e pesquisas para conhecer o fenômeno em sua forma concreta, conseguir a legitimação pelos sujeitos envolvidos (o que pressupõe a participação da comunidade escolar) e fazer um monitoramento permanente das ações nas escolas. A prevenção é fundamental. Uma das premissas para se conseguir isso é relacionar conhecimento sensível, ético, valorização do jovem, criação de um clima agradável e participativo, com conhecimento especializado e transdisciplinar, bem como análises sobre segurança pública e segurança escolar.

A violência já faz parte do cotidiano das escolas públicas, no entanto, como informa Arendt (2009), se a violência é fruto da sociedade, a busca de uma cultura de não-violência também deverá ser fruto dessa mesma sociedade. Trazer atividades, projetos e opções que fomentem a cultura da não-violência deve ser verdadeira preocupação de toda a coletividade.

Com isso, um indicador que poderá auxiliar a redução da violência ou, ao menos, aumentar a ponderação acerca dos problemas que envolvem estes conflitos, como forma de prevenção ou até mesmo superação da violência nas escolas, é a mediação de conflito.

Deve-se, enfim, assumir a importância da construção de uma cultura de paz, como diz o representante da UNESCO no Brasil, Jorge Werthein, “baseada na tolerância, solidariedade e compartilhamento em base cotidiana, uma cultura que respeita todos os direitos individuais – o princípio de pluralismo, que assegura e sustenta a liberdade de opinião – e que se empenha em prevenir conflitos resolvendo-os em suas fontes, que englobam novas ameaças não-militares para a segurança, como exclusão, pobreza extrema e degradação ambiental. A cultura de paz procura resolver os problemas por meio do diálogo, da negociação e da mediação, de forma a tornar a guerra e a violência inviáveis”.

Chispino e Chispino (2002), em “Políticas Educacionais de Redução da Violência: Mediação do Conflito Escolar”, apontam a massificação da educação como uma das três grandes revoluções no quadro educacional. Para estes autores, tal fato vem ocasionando grandes mudanças educacionais e uma delas é a heterogeneidade dos alunos e o convívio com diferentes padrões culturais. Eles apontam esta massificação do ensino como fator que pode vir a ocasionar fatos violentos no ambiente escolar, uma vez que pode ser um gerador de conflitos. Finalmente, propõem a mediação em conflitos como uma das formas de prevenção à violência.

Podendo este ser um caminho para que gestores, professores e alunos, consigam administrar conflitos internos e externos. A mediação tem muitos aspectos positivos. Vejamos por meio de uma visão filosófica as palavras de Ágüida Arruda Barbosa:

“[...] representa a concretude da filosofia da discussão, na França, toda a construção teórica da mediação vem fundamentada em Habermas, cuja contribuição filosófica é que tudo se constrói pela comunicação, pela necessidade do diálogo, pela humanidade; enfim, pela ética da discussão”.
(BARBOSA, 2002, p.63)

Assim, a comunicação, o diálogo acrescentado de ideias criativas e práticas auxiliam a resolução do conflito posto em discussão. A figura do intermediário, como um agente auxiliar nessa situação, deverá mostrar os aspectos positivos para ambos os conflitantes da decisão a ser firmada. Podendo a mediação, devidamente conduzida,

transformar uma “cultura do conflito” em “cultura do diálogo”. Estimulando pessoas a resolverem seus problemas entre si, havendo algo muito simples que é a prática de dialogar.

Outra forma de precaução da violência escolar está na aplicação de políticas públicas voltadas a estas situações de conflito, com intuito de conscientização e acesso ao bem estar. O Estado deve estar empenhado, por meio de apoio, recursos financeiros e institucionalização de programas de políticas com foco nos aspectos sociais democráticos. É preciso promover a ética, a cidadania e a justiça dentro das escolas por meio de seus referenciais curriculares.

É imperativo, ainda, trabalhar com os alunos, seja crianças ou adolescentes, a temas como cidadania, justiça e democracia. Tornando-os agentes multiplicadores no ambiente escolar, na família e na comunidade local. Sendo na maioria das vezes, necessário detectar os vários tipos de violência existentes no meio escolar, a fim de descobrir a melhor forma de trabalhar para combatê-la. Essa aferição somente é possível mediante um trabalho prévio de identificação dos tipos de violência e, principalmente, inserção nos currículos dos temas citados.

A percepção do fenômeno das violências nas escolas resulta das histórias vividas e recolhidas pelos diversos atores que convivem no ambiente escolar e das relações que estabelecem entre si. Nessa medida, as violências são percebidas como um fenômeno corriqueiro no cotidiano daqueles que já vivenciaram situações ligadas a roubos, ameaças, assalto, discriminação, vandalismo, atitudes autoritárias, brigas etc. Para evitar a continuidade dessa situação, é indiscutível a necessidade de se identificarem medidas para que os estabelecimentos de ensino se apresentem como espaço seguro para seus integrantes, uma vez que a violência afeta a integridade física, emocional e psicológica de alunos, professores, funcionários e pais.

Algumas atitudes práticas precisam ser cobradas dessas esferas administrativas, como os cuidados com o entorno ou a vizinhança da escola. Para se criar zonas seguras, é necessário que surjam mais semáforos, passarelas e faixas de pedestre, que a iluminação não esteja em bom estado, que seja controlada a venda de bebidas alcoólicas em locais próximos e proibida a existência de estabelecimentos de jogos de azar. Naturalmente, a circulação de drogas ilícitas precisa ser vigorosamente combatida.

Fora da sala de aula, é preciso levar adiante projetos que busquem conscientizar os alunos quanto às consequências do uso de armas, de drogas, roubos e assaltos, preconceitos contra homossexuais e atitudes discriminatórias quanto às diferenças étnicas e de gênero. Por isso, são bem-vindas campanhas de combate à violência com o apoio dos meios de comunicação de massa e outras instituições de mobilização.

Naturalmente é preciso cuidar do estado físico e da limpeza da escola. Criar ambientes agradáveis, bem ventilados e iluminados, com móveis em boas condições e espaço adequado para as atividades escolares de lazer. Isso ajudará os alunos a terem orgulho da instituição e se sentir parte dela.

A autoridade de grupos de referência de valores, crenças e formas de comportamento seria também uma motivação do jovem para cometer crimes, " o motivo pelo qual os jovens...aderem às gangues é a busca de respostas para suas necessidades humanas básicas, como o sentimento de pertencimento, uma maior identidade, autoestima e proteção, e a gangue parece ser uma solução para os seus problemas a curto prazo" ABRAMOVAY et al. (1999), assim, o infrator se sente protegido por um grupo no qual tem confiança. " Valores como solidariedade, humildade, companheirismo, respeito, tolerância são pouco estimulados nas práticas de convivência social, quer seja na família, na escola, no trabalho ou em locais de lazer. A inexistência dessas práticas dão lugar ao individualismo, à lei do mais forte, à necessidade de se levar vantagem em tudo, e daí a brutalidade e a intolerância", (MONTEIRO,2003) a influência das gangues que se aliam ao fracasso da família e da escola. A educação tolerante e permissiva não leva a ética na família. Os pais educam seus filhos e estes crescem achando que podem tudo.

Por fim, o importante é que pais, sociedade e gestores públicos, comprometidos com o bem social e com a educação, busquem de forma concreta a aplicação da cultura da não-violência nas escolas públicas de todo o Brasil, seja através dos meios alternativos de resolução de conflitos como a mediação ou a fomentação dos temas como ética, cidadania, democracia e justiça como disciplina e não somente como temas transversais.

5 CONCLUSÃO

Como inicialmente foi dito, por décadas a violência nas escolas públicas e privadas é uma das principais preocupações da sociedade. As principais vítimas são os alunos. As causas que podem estar levando esses alunos a viverem em constante conflito estão relacionadas a desigualdade social e racial, falta de estrutura familiar, inércia do poder público e ineficiência da gestão escolar, dentre outros fatores. Por outro lado, existem formas capazes de prevenir ou superar a violência escolar. Por meio da mediação de conflitos no âmbito escolar, é possível a busca pela cultura do diálogo.

A aplicação de políticas públicas voltadas a esses tipos de situações, como trabalhos de conscientização e promoção do bem estar social, também é uma forma de superar e prevenir a violência no âmbito escolar. Principalmente, quando há apoio e esforço financeiro governamental, não apenas econômico, mas também de recursos humanos, para que programas de combate à violência e a exclusão social sejam realmente concretizados e obtenham resultados favoráveis.

Entretanto, na maioria às vezes, é preciso detectar os vários tipos de violência existentes no meio escolar, para descobrir a melhor forma de trabalhar e combatê-la. Para que haja prevenção e superação da violência escolar, é importante e indispensável que pais, sociedade e gestores públicos busquem de forma concreta a aplicação da cultura de não-violência nas escolas públicas brasileiras, bem como nas escolas da rede pública.

Pelo caráter complexo que envolve as questões de indisciplina escolar, muito há por se fazer. Reforçamos que, não se trata apenas de colocar em evidência o comportamento dos alunos. Seria necessário focalizar todos os aspectos relacionados ao desenvolvimento social e psicológico e que podem ter relação com as práticas educativas oferecida pelas escolas. Com isso, indicamos a necessidade de os cursos de formação de professores e discussões sobre a indisciplina escolar, preparando nossos acadêmicos para tratar das questões de indisciplina que certamente os aguardam nas escolas. Precisamos mais que transformar nossas escolas, precisamos reinventá-las.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam (coord.). **Escolas inovadoras: experiências bem-sucedidas em escolas públicas**. Brasília: UNESCO, Ministério da Educação, 2004.

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria G. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO Brasil, REDE PITÁGORAS, Coordenação DST/AIDS do Ministério da Saúde, a Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, CNPq, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002.

AQUINO, J. G. **Violência escolar e autoridade**. In: Cadernos Cedes, ano XIX, nº 47, dez. 1998.

ARENDT, H. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

CHRISPINO, Álvaro e CHRISPINO, Raquel. **Políticas educacionais de redução da violência: mediação do conflito escolar**. São Paulo: Editora Biruta, 2002.

COLOMBIER, Claire; MANGEL, Gilbert; PERDRIault, Marguerite. **A violência na escola**. São Paulo, Ed. Summus, 1989.

ESTRELA, Maria Teresa. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na escola**. 4ª edição. Portugal: Porto Editora, 2002. (Coleção Ciências da Educação)

GUIMARÃES, A.M. **A dinâmica da violência escolar: Conflito e ambiguidade**. Campinas: Autores Associados, 1996a.

LEÃO, G. M. P. (2006). **Experiências da Desigualdade: os sentidos da educação elaborados por jovens pobres**. São Paulo, 1 (32), pp. 31-48.

SILVA, Aida. **EDUCAÇÃO E VIOLÊNCIA: qual o papel da escola?** www.dhnet.org.br/inedex.htm. acesso em 01 de dezembro de 2014.